

FRENTE: PORTUGUÊS II

PROFESSOR(A): SOUSA NUNES

ASSUNTO: QUINHENTISMO – LITERATURA DE INFORMAÇÃO E DE FORMAÇÃO

EAD – ITA/IME

AULA 02



Resumo Teórico

Definição

Quinhentismo é a denominação genérica das manifestações literárias produzidas no Brasil durante o século XVI. Foi nesse momento que se introduziu a cultura europeia em terras brasileiras. Não se trata, portanto, de uma literatura “do” Brasil, como característica do país naquele período, e sim de uma literatura “no” Brasil, ou seja, ligada ao Brasil. Tal produção escrita denota as ambições e as intenções do homem europeu em face da terra recém-descoberta. O Quinhentismo divide-se em Literatura de Informação ou Informativa e Literatura de Formação ou Jesuítica.

CRONOLOGIA DO QUINHENTISMO

Período: Século XVI.

Começo: 1500 – Carta de Pero Vaz de Caminha – a Carta fundadora.

Fim: 1601 – Prosopopeia de Bento Teixeira – início do Barroco.

Contexto histórico

As manifestações literárias no Brasil Colônia constituem inicialmente um prolongamento do que se fazia em Portugal no século XVI, como é compreensível. Por isso, nos anos de 1500, a Literatura produzida no Brasil possui poucos sinais de brasilidade em nível estilístico, embora apresente temas brasileiros. Aqui são produzidas crônicas históricas e informativas: trata-se de descrições da “nova terra”, geralmente com o fim de informar sobre a região e seus nativos. O objetivo era informar a Europa acerca da exuberante natureza americana, dos costumes dos indígenas do país (“exóticos”, para os europeus) e das possibilidades econômicas da nova terra, isto é, das qualidades e vantagens que poderiam ser exploradas economicamente. O precursor desse tipo de texto é Pero Vaz de Caminha, o escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral. A essa carta sucederam-se vários documentos semelhantes, denominados em seu conjunto de literatura informativa ou literatura dos viajantes.

A Carta de Caminha exalta a beleza e a benignidade das terras brasileiras, prefigurando uma atitude que haveria de atravessar toda a nossa Literatura. A perspectiva que assume Caminha no relato dos fatos é a de um civilizador que se maravilha com a ingenuidade e a inocência indígena, capaz, portanto, do deslumbramento, ato poético por excelência, configurando a crença no bom selvagem, séculos antes de Rousseau.

“Pero Vaz de Caminha, natural do Porto e embarcado em 9 de março de 1500 com a frota de Cabral (13 navios e 1800 homens), na qualidade de escrivão de bordo, era escritor de raça: um homem que à capacidade da descrição analítica e pontilhosa unia uma cultura de tipo humanista e o hábito da concentração sintética.

De sua pena sai não só o atestado de nascimento do Brasil português e católico mas também um dos mais fascinantes documentos que a história dos descobrimentos ditou ao homem. A Carta que ele elabora para o rei, em forma de diário, nos dias imediatamente precedentes e seguintes ao desembarque dos portugueses na terra de Vera Cruz (isto é, entre 22 de abril e 1º de maio de 1500), tem o viço e o encanto do “documento” mas também se insere num preciso e bem definido gênero literário: o dos relatos de viagem, cuja redação em forma diarística e memorial entrara na prática portuguesa por volta da metade do século XV. (...)

STEGAGNO PICCHIO, Luciana. *História da Literatura Brasileira*. 2ª. Edição revista e atualizada. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004. Lacerda, p.73.

O Brasil nasce para a literatura aos 26 de abril de 1500, quando o almirante português Pedro Álvares Cabral toma posse, em nome do rei católico D. Manuel I de Portugal, da nova terra batizada com o nome de Vera Cruz: a cruz de Cristo, à sombra da qual se celebra a primeira missa, é aqui símbolo do império e auspício da catequese, signo para os navegadores, refúgio em um passado que se identifica no rito pátrio e programa para a ação futura. A terra, conhecida por ilhas culturais (Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo), é inicialmente apenas objeto da literatura: vista de fora, com os olhos dos viajantes que dela descrevem as grandezas e diversidades. Depois, pouco a pouco, ocorre o processo de enraizamento.

As grandes navegações trazem para o homem ibérico a expansão cultural e material. De um lado, a preocupação da conquista material – principalmente ouro, prata, ferro, madeira – e de outro lado, a preocupação espiritual resultante da Contrarreforma.

Os escritos produzidos no Brasil do século XVI ligam-se a duas necessidades práticas principais da empresa colonizadora portuguesa:

- *Fornecimento de informação sobre a nova terra: a Carta de Caminha foi uma fonte primordial;
- *Conversão dos indígenas ao cristianismo.

Literatura de Informação

A expansão ultramarina europeia trouxe inúmeros viajantes às terras recém-descobertas ou exploradas da Ásia, da África e da América, com a missão de produzir relatórios, com informações sobre essas terras, detalhando os recursos minerais, a fauna, a flora e os aspectos exóticos e pitorescos de seus habitantes. Esses relatórios, denominados “Crônicas de Viagem”, têm caráter mais histórico do que literário, apresentando uma linguagem puramente referencial ou denotativa.

A Carta de Pero Vaz de Caminha (enviada a D. Manuel no dia 1º de maio de 1500) é considerada o primeiro documento da literatura no Brasil, inaugurando a chamada literatura informativa: manifestações literárias de grande valor histórico e profundo caráter documental sobre o Brasil, feitas por cronistas e viajantes estrangeiros, buscando descrever e informar sobre a nova colônia portuguesa, com enfoque na conquista material e na exaltação da terra nova. Seus relatos visavam satisfazer a curiosidade e despertar a imaginação dos europeus.

Na literatura informativa encontramos documentos, cartas e relatórios de navegantes, de administradores e de missionários e autoridades eclesiásticas. Sua principal característica é a descrição e exaltação da flora, fauna e dos índios, resultante da descoberta do exotismo e exuberância de um mundo tropical. A linguagem referencial (objetiva e concisa) também vai refletir tal louvor à terra com o uso exagerado de adjetivos, geralmente empregados no superlativo (belíssimo, lindíssimo, etc.). Também encontramos a presença de modelos clássicos e renascentistas que tendem à erudição.

Os textos informativos formam um painel da vida dos anos iniciais do Brasil-Colônia, relatando-nos os primeiros contatos entre os europeus e a realidade da nova terra. A opulência da flora e da fauna impressionou vivamente o colonizador, enquanto o modo de vida dos indígenas foi motivo de muita curiosidade (e de incompreensão, pois os colonizadores nunca abandonaram suas concepções de que possuíam uma cultura superior a dos aborígenes). Terra e índio não demoraram a sentir a violência do sistema colonial, dentro do qual os textos mencionados cumpriam, acima de tudo, uma finalidade prática. Eis as principais obras dessa vertente:

- *Carta*, de Pero Vaz de Caminha, escrita em 1500;
- *Diário de Navegação*, de Pero Lopes de Sousa, escrito entre os anos de 1530 e 1532, durante a expedição de Martim Afonso de Sousa;
- *História da Província de Santa Cruz* e *Tratado da Terra do Brasil*, de Pero de Magalhães Gandavo (ou Gândavo), publicados respectivamente em 1576 e 1826;
- *Tratado descritivo do Brasil em 1587* ou *Notícia do Brasil*, de Gabriel Soares de Sousa, publicado em 1851.

No século XVII, surgem os *Diálogos das grandezas do Brasil* (1618), atribuídos a Ambrósio Fernandes Brandão, e a *História do Brasil* (1627), de Frei Vicente do Salvador.

Para a história da literatura brasileira, a literatura informativa adquire importância principalmente como fonte de temas e formas para momentos literários posteriores, como é o caso do Romantismo e do Modernismo.

Autores e obras

Pero Vaz de Caminha

Escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral, Caminha escreve a D. Manuel no dia 1º de maio de 1500. A *Carta* – de inestimável valor histórico e de razoável valor literário – comunica ao rei de Portugal o descobrimento do Brasil.

Trecho da *Carta*:

E, segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente não lhes falece outra coisa para ser toda cristã, senão entender-nos, porque assim tomavam aquilo que nos viam fazer, como nós mesmos, por onde nos pareceu a todos que nenhuma idolatria, nem adoração têm. E bem creio que, se Vossa Alteza aqui mandar quem entre eles mais devagar ande, que todos serão tornados ao desejo de Vossa Alteza. E por isso, se alguém vier, não deixe logo de vir clérigo para os batizar, porque já então terão mais conhecimentos de nossa fé, pelos dois degredados, que aqui entre eles ficam, os quais hoje também comungaram ambos.

Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra o sul vimos até outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto havemos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. Tem ao longo do mar, nalgumas partes, grandes barreiras, delas vermelhas, delas brancas; e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta, é tudo praia palma, muito chã e muito fremosa.

Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, a entender olhos não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longo.

Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muitos bons ares, assim frios e temperados, como os de Entre-Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá.

Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a El-Rei D. Manuel*.

Pero de Magalhães Gândavo

Autor de *O Tratado da Terra do Brasil* e da *História da Província de Santa Cruz*. Com essas obras, o autor estimula a imigração, pois toda ela é robusta em louvor ao clima, à terra e à paisagem:

Uma planta se dá também nesta Província, que da ilha de São Tomé, com a fruta da qual se ajudam muitas pessoas a sustentar a terra. Esta planta é mui tenra e não muito alta, não tem ramos senão umas folhas que serão seis ou sete palmos de comprido. A fruta dela se chama banana. Parecem-se na feição com pepinos, criam-se em cachos. Esta fruta é mui saborosa, e das boas, que há na terra: tem uma pele como de figo (ainda que mais dura) a qual lhe lançam fora quando a querem comer: mas faz dano à saúde e causa febre a quem se desmanda nela.

Gândavo, *História da Província de Santa Cruz*.

Análise de textos

- Trechos da *Carta* de Caminha.

Texto I

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes bem-feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de encobrir ou mostrar suas vergonhas, e nisso têm tanta inocência como têm em mostrar o rosto.

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a El-Rei D. Manuel*.

COMENTÁRIOS:

Esse trecho da *Carta* registra o primeiro choque cultural sofrido pelos portugueses: a nudez dos índios. A variante linguística diacrônica **vergonhas**, que designava, na época, os órgãos genitais do corpo humano, reforça a ideia de “choque”. Essa ideia, porém, é eufemizada (suavizada) pelo uso, em seguida, da palavra **inocência**.

Mais adiante, em sua *Carta*, Caminha registra a mudança de comportamento do observador europeu:

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas espáduas, e suas vergonhas iam tão altas e tão saradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha.

COMENTÁRIOS:

Observe que a convivência gradual com os costumes indígenas provoca uma mudança no comportamento do europeu. O termo **saradinhas**, usado por Caminha, quer dizer **saudáveis, sem doenças**.

Texto II

Viu um deles umas contas de rosário, brancas, acenou que lhas dessem, folgou muito com elas e lançou-as ao pescoço. Depois, tirou e enrolou-as no braço e acenava para a terra e de novo para as contas e para o colar do Capitão como dizendo que dariam ouro por aquilo.

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a El-Rei D. Manuel*.

COMENTÁRIOS:

Caminha interpretou o segundo aceno do indígena como um sinal de que havia ouro no lugar, porém não demonstrou convicção ao interpretá-lo, uma vez que usou a expressão “como dizendo”. Essa interpretação de Caminha permite inferir um dos objetivos da viagem de Cabral: procurar ouro para suprir os cofres portugueses.

Uma leitura da pintura de Meirelles

“Cena interessante, onde os personagens principais são os indígenas. Suas características exprimem a surpresa, a emoção, que lhes causa o espetáculo imposto onde são as testemunhas. O altar, protegido por magníficas árvores, foi levantado sobre uma elevação. Era 5 de maio de 1500. No momento do Evangelho, todos os indígenas se levantam como os europeus que assistiam à missa”. Trata-se de uma descrição sucinta, porém precisa da cena representada pelo artista. Nela vemos, em primeiro plano, dispostos de maneira diferenciada ao longo da parte inferior da tela, diversos índios assistirem calmamente à celebração do ofício religioso. Alguns apontam para o centro da composição e dois deles encontram-se sentados nos galhos de uma grande árvore que ocupa o canto direito da cena, acentuando seu caráter exótico. No lado oposto, um cortejo de índios avança em direção aos demais, demonstrando interesse pelo que se passava. Destacam-se, em segundo plano, a cruz de madeira fincada sobre uma elevação e a figura do Frei Henrique de Coimbra erguendo o cálice. A seu redor, encontram-se os europeus, navegadores e religiosos, representados de forma a evidenciar seu respeito e concentração para com a cerimônia. Vítor Meirelles apoia-se fortemente no relato de Caminha, incluindo a figura de um índio mais idoso, “homem de cinquenta ou cinquenta e cinco anos”, que falando aos outros índios “acenu com o dedo para o altar, e depois mostrou o dedo para o céu, como quem dizia alguma coisa de bem, e nós assim o tomamos”.



MEIRELLES, Victor (1832-1903). *A Primeira Missa no Brasil*, (1860). Óleo sobre tela, 268 x 356 cm.

Em 1971, Glauco Rodrigues realizou a obra intitulada *Primeira Missa no Brasil*, apropriando-se de alguns elementos da pintura de Meirelles (uma releitura da obra desse artista), mas alterando a localização espacial, os materiais e o tratamento da pintura.

Nela aparece, uma vez mais, o Frei Henrique de Coimbra e seu assistente celebrando a missa sobre um altar ao ar livre. Há, porém, um amplo e rebuscado dossel (armação de madeira ornamentada, forrada ou não de tecidos, usada sobre altares, troncos, leitos e até sobre liteiras, cadeirinhas, etc. com fins de proteção e/ou ostentação) lhes serve de abrigo. A cruz é eliminada. Soldados portugueses, religiosos e índios encontram-se à volta do altar, alguns em postura respeitosa, outros em poses bastante descontraídas. Não há qualquer compromisso com uma representação realista ou ao menos coerente, apesar do desenho tecnicamente “convencional”.

Índios portam cocares, sungas, biquínis e toalhas de banho; um dos soldados veste uma armadura medieval. Vemos ainda um casal de mestre-sala e porta-bandeira, figuras de destaque nas escolas de samba brasileiras. Uma negra, retirada de uma gravura de Debret, mistura-se a araras e a personagens anônimos vestidos com trajes contemporâneos. Dois índios, representados tal qual nos cartões-postais da época, encaram o espectador. As cores são fortes, vibrantes e são aplicadas de maneira minuciosa, respeitando-se os limites de cada figura ou objeto.

Revista *ArtCultura*, Uberlândia, vol. 10, nº 17, julho-dezembro 2008. Páginas 162, 169 e 170. Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF17/M_Couto_17.pdf>

A literatura de formação

Ao lado da prosa informativa, ocorrem manifestações em poesia e teatro, escritas por jesuítas com a finalidade de catequizar os índios. A essa produção chamamos de literatura de formação, em decorrência do aspecto didático que apresenta.

Nessa categoria, merece destaque o Padre José de Anchieta (1534-1597), o grande *piahy* (o grande pajé branco – como os nativos brasileiros o chamavam).

O jesuíta veio ao Brasil para desenvolver um trabalho missionário: converter os índios ao cristianismo. Em 1554, fundou a cidade de São Paulo. Escreveu poemas, crônicas, sermões e textos teatrais, ora didáticos, ora para expressar sentimentos individuais.

Anchieta dominava latim, espanhol, português e tupi; utilizava uma linguagem simples e direta; criou a primeira gramática tupi-guarani: *Arte de Gramática da Língua Mais Usada na Costa Brasileira*.

Dentre suas obras, sobressaem: os autos *Quando, no Espírito Santo, se Recebeu uma Relíquia das Onze Mil Virgens*; *Na Vila de Vitória*; *Auto de São Lourenço*; a poesia *De Beata Virgine dei Madre Maria* (Poema à Virgem Maria).

Padre José de Anchieta

José de Anchieta foi um padre jesuíta espanhol, santo da Igreja Católica e um dos fundadores da cidade brasileira de São Paulo.

Foi beatificado em 1980 pelo papa João Paulo II e canonizado em 2014 pelo Papa Francisco. É conhecido como o “Apóstolo do Brasil”, por ter sido um dos pioneiros na introdução do cristianismo no Brasil. É o primeiro dramaturgo, primeiro gramático e o primeiro poeta nascido nas Ilhas Canárias. Foi o autor da primeira gramática da língua tupi, e um dos primeiros autores da literatura brasileira.

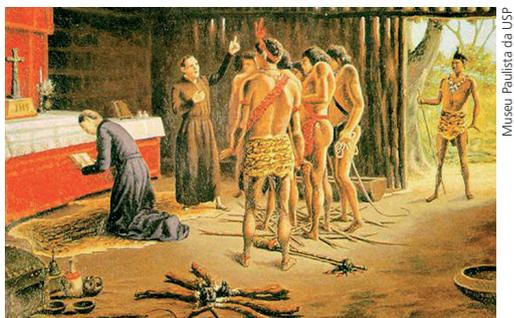
Nascido na ilha de Tenerife, no arquipélago das Canárias, em 19 de março de 1534, era filho de João López de Anchieta e de Mência Diaz de Clavijo y Larena, descendente da nobreza canária.

Seu pai foi um revolucionário basco que tomou parte na revolta do Comuneros contra o Imperador Carlos V na Espanha e um grande devoto da Virgem Maria. Era aparentado dos Loyola, daí o parentesco de Anchieta com o fundador da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola.

Anchieta viveu com a família até aos quatorze anos de idade, quando se mudou para Coimbra, em Portugal, a fim de estudar filosofia no Real Colégio das Artes e Humanidades, anexo à Universidade de Coimbra. Ingressou na Companhia de Jesus em 1 de maio de 1551 como noviço.

Tendo o padre Manuel da Nóbrega, Provincial dos Jesuítas no Brasil, solicitado mais braços para a atividade de evangelização do Brasil (mesmo os fracos de engenho e os doentes do corpo), o Provincial da Ordem, Simão Rodrigues, indicou, entre outros, José de Anchieta. Desde jovem, Anchieta padecia de tuberculose óssea, que lhe causou uma escoliose, agravada durante o noviciado na Companhia de Jesus. Este fato foi determinante para que deixasse os estudos religiosos e viajasse para o Brasil. Aportou em Salvador a 13 de julho de 1553, com menos de 20 anos de idade e vindo na armada do segundo governador-geral do Brasil, Dom Duarte da Costa, com outros seis companheiros, sob a chefia do padre Luis da Grã.

Anchieta ficou menos de três meses em Salvador, partindo para a Capitania de São Vicente no princípio de outubro, com o padre jesuíta Leonardo Nunes, onde conheceria Manuel da Nóbrega e permaneceria por doze anos. Anchieta abriu os caminhos do sertão, aprendendo a língua tupi, catequizando e ensinando latim aos índios.



CALIXTO, Benedito (1853-1927). *Anchieta e Nóbrega na cabana de Pindobuçu (1927)*.

No seguimento da sua ação missionária, participou da fundação, no planalto de Piratininga, do Colégio de São Paulo, um colégio de jesuítas do qual foi regente, embrião da cidade de São Paulo.

O religioso cuidava não apenas de educar e catequizar os indígenas, como também de defendê-los dos abusos dos colonizadores portugueses que queriam não raro escravizá-lo e tomar-lhe as mulheres e filhos.

O movimento de catequese influenciou seu teatro e sua poesia, resultando na melhor produção literária do quinhentismo brasileiro. Entre suas contribuições culturais, podemos citar as poesias em verso medieval (sobretudo o poema *De Beata Virgine Dei Matre Maria*, mais conhecido como *Poema à Virgem* com 5786 versos), os autos que misturavam características religiosas e indígenas, a primeira gramática da língua tupi (*A Cartilha dos nativos*).

Dirigiu o Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro por três anos, de 1570 a 1573. Em 1569, fundou a povoação de Reritiba (ou Iiritiba), atual Anchieta, no Espírito Santo. Em 1577, foi nomeado Provincial da Companhia de Jesus no Brasil, função que exerceu por dez anos, sendo substituído em 1587 a seu próprio pedido. Retirou-se para Reritiba, mas teve ainda de dirigir o Colégio dos Jesuítas em Vitória, no Espírito Santo. Em 1595, obteve dispensa dessas funções e conseguiu retirar-se definitivamente para Reritiba, onde veio a falecer, sendo sepultado em Vitória.

Wikipédia, a enciclopédia livre. Adaptado.



FREEZA, Giovanni-Girolamo (1659-1741). *Joseph Anchieta Soc. Iesv* [visual gráfico] lo. Ieronimus Freeza inc. – Romae [s.n. entre 1680 e 1740], gravura.

Padre Manuel da Nóbrega

Manuel da Nóbrega foi um sacerdote jesuíta português, chefe da primeira missão jesuítica à América. As cartas enviadas a seus superiores são documentos históricos sobre o Brasil colônia e a ação jesuítica no século XVI.

Filho do desembargador Baltasar da Nóbrega e sobrinho de um chanceler-mor do Reino, estudou durante quatro anos na Universidade de Salamanca e se transferiu para a Universidade de Coimbra, bacharelando-se em direito canônico e filosofia em 1541.

Aos 27 anos, foi ordenado pela Companhia de Jesus, fazendo-se pregador. Surpreendido com o convite do rei D. João III, embarcou na armada de Tomé de Sousa (1549). Chegaram à Bahia em 29 de março de 1549 e, celebrada a primeira missa, ter-se-ia voltado para seus auxiliares e dito: “Esta terra é nossa empresa”.

Foi dele amigo e conselheiro, como também o foi de Mem de Sá, a serviço da Coroa, com a missão de dedicar-se à catequese dos indígenas na colonização do Brasil.

Assim que aportou deu início ao trabalho de catequese dos indígenas, desenvolvendo uma intensa campanha contra a antropofagia existente entre os nativos e ao mesmo tempo combatendo a sua exploração pelo homem branco. Participou da fundação das cidades de Salvador e do Rio de Janeiro e também na luta contra os franceses como conselheiro de Mem de Sá.



Quadro de Benedito Calixto mostra Nóbrega benzoendo a esquadra que vai combater os franceses. CALIXTO, Benedito (1853-1927). *Partida de Estácio de Sá*. Óleo sobre tela.

Seu maior mérito, além de constantes viagens por toda a costa, de São Vicente a Pernambuco, foi estimular a conquista do interior, ultrapassando e penetrando além da Serra do Mar. Foi o primeiro a dar o exemplo, ao subir ao planalto de Piratininga, para fundar a vila de São Paulo que viria a ser o ponto de penetração para o sertão e de expansão do território brasileiro. A pequena aldeia dos jesuítas tornou-se a mais importante cidade de hemisfério sul.

Juntou-se em 1563 a José de Anchieta, desembarcado no Brasil como noviço em 1553, no trabalho de pacificação dos Tamoios em Iperoig, que retiraram apoio aos invasores franceses, finalmente derrotados.

Acompanhando a expedição de Estácio de Sá, encarregado de fundar uma cidade, São Sebastião do Rio de Janeiro, de cuja fundação participou, ali construiu um colégio jesuíta.

Foi Nóbrega quem solicitou ao rei de Portugal, Dom João III, a criação da primeira diocese no Brasil. Em 1558, convenceu o governador Mem de Sá a baixar “leis de proteção aos índios”, impedindo a sua escravização.

Foi nomeado o primeiro provincial da Companhia de Jesus, no Brasil, mas faltando-lhe a saúde foi substituído pelo padre Luís da Grã.

Os escritos do Padre Manuel da Nóbrega foram obra literária produzida no Brasil. Nas cartas, encontra-se o início da história do povo brasileiro, do ponto de vista de um catequizador.

Nóbrega escreveu da Bahia carta em 9 de agosto de 1549 em que descrevia os primórdios do trabalho de catequese, contando que os índios se deliciaram com a procissão em louvor ao anjo da guarda. Seus pensamentos encontram-se expressos nas cartas que escreveu durante sua vida. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1570, aos 53 anos.

Wikipédia, a enciclopédia livre. Adaptado.

A SANTA INÊS

Na vinda de sua imagem

Cordeirinha linda,
Como folga¹ o povo,
Porque vossa vinda
Lhe dá lume novo.

Cordeirinha santa,
De Jesus querida,
Vossa santa vida
O Diabo espanta.
Por isso vos canta
Com prazer o povo,
Porque vossa vinda
Lhe dá lume² novo.

Nossa culpa escura
Fugirá depressa,
Pois vossa cabeça
Vem com luz tão pura.
Vossa formosura
Honra é do povo,
Porque vossa vinda
Lhe dá lume novo.

Virginal cabeça,
Pela fé cortada,
Com vossa chegada
Já ninguém pereça;
Vinde mui depressa
Ajudar o povo,
Pois com vossa vinda
Lhe dais lume novo.

Vós sois cordeirinha
De Jesus Formoso;
Mas o vosso Esposo
Já vos fez Rainha.
Também, padeirinha
Sois do vosso Povo,
Pois com vossa vinda,
Lhe dais trigo novo.

Não é de Alentejo
Este vosso trigo,
Mas Jesus amigo
É vosso desejo.

Morro, porque vejo
Que este nosso povo
Não anda faminto
Deste trigo novo.

Santa Padeirinha,
Morta com cutelo,
Sem nenhum farejo
É vossa farinha
Ela é mezinha
Com que sara o povo
Que com vossa vinda
Terá trigo novo.

O pão, que amassastes
Dentro em vosso peito,
É o amor perfeito
Com que Deus amastes.
Deste vos fartastes,
Deste dais ao povo,
Por que deixe o velho
Pelo trigo novo.

Não se vende em praça,
Este pão da vida,
Porque é comida
Que se dá de graça.
Oh preciosa massa!
Oh que pão tão novo
Que com vossa vinda
Quer Deus dar ao povo!

Oh que doce bolo
Que se chama graça!
Quem sem ela passa
É mui grande tolo,
Homem sem miolo
Qualquer deste povo
Que não é faminto
Deste pão tão novo.

"A Santa Inês", de José de Anchieta.

Explicação do texto

Analisando o tratamento dado à figura de Santa Inês, notamos particularmente dois aspectos. O primeiro é o uso afetivo da forma diminutiva na referência à santa, que é comparada, logo de saída, com uma "cordeirinha", na escolha, portanto, de um animal normalmente considerado meigo e cujo nome em si é sinônimo de brandura. A forma diminutiva repete-se ao longo do poema, com sua marca específica. O segundo aspecto reflete o apego de Anchieta às imagens típicas de um período pré-renascentista, refere-se à maneira como o jogo das figuras é construído em função de elementos estritamente materiais do dia a dia. Disto resulta um contraste de grande efeito poético: de um lado está a delicadeza da santa, misturada, por outro lado, às realidades comezinhas da vida, como fogo, a farinha, a mezinha. O uso do diminutivo carinhoso traz à mente a juventude e pureza da santa, além de sugerir proximidade entre autor e tema, imaginando-se que a figura do padre é que vivencia mais a vida dos santos. Certos traços da construção poética merecem atenção. O poder da santa aparece relacionado com a confecção do pão porque ela produz "lume novo" e "trigo novo"; na terceira estrofe "nossa culpa escura" é colocada em contrapartida à pureza da santa e o "lume novo" que ela traz, para ficarmos apenas em alguns exemplos. Todos os recursos de linguagem, no poema, funcionam no sentido de estabelecer um clima ao mesmo tempo de delicadeza e de experiência cotidiana.

Em síntese:

O poema fala do confronto entre o bem e o mal com bastante simplicidade: a chegada de Santa Inês espanta o diabo e, graças a ela, o povo revigora sua fé.

Os versos de cinco sílabas (redondilha menor) dão ritmo ligeiro ao texto, retomando a métrica das cantigas medievais.

A linguagem é clara, as ideias são facilmente compreensíveis e o ritmo faz com que os versos tenham musicalidade, ajudando o poeta a envolver o ouvinte e a sensibilizá-lo para sua mensagem religiosa.

BOSQUES

Todo o Brasil é um jardim em frescura e bosque e não se vê em todo o ano árvore nem erva seca. Os arvoredos se vão às nuvens de admirável altura e grossura e variedade de espécies. Muitos dão bons frutos e o que lhes dá graça é que há neles muitos passarinhos de grande formosura e variedade e em seu canto não dão vantagem aos rouxinóis, pintassilgos, colorinos, e canários de Portugal e fazem uma harmonia quando um homem vai por este caminho, que é para louvar ao Senhor, e os bosques são tão frescos que os lindos e artificiais de Portugal ficam muito abaixo. Há muitas árvores de cedro, águila, sândalos e outros paus de bom odor e várias cores e tantas diferenças de folhas e flores que para a vista é grande recreação e pela muita variedade não se cansa de ver.

José de Anchieta. *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões*. Informação da Província do Brasil para nosso padre – 1585. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933, p.430-1. Domínio Público

Explicação do texto

O texto mostra a visão edênica da natureza do Brasil em sua exuberância. Esta reação já aparecia no primeiro documento oficial de nossa História, a *Carta* de Pero Vaz de Caminha. Os dois aspectos enfatizados reúnem-se à volta da flora e da fauna, a grandeza do arvoredo, sua variedade, e o encantamento dos pássaros. Aos olhos do europeu, fica bem claro, a riqueza e a vitalidade do Brasil contrastam com as paisagens de Portugal. O entusiasmo leva o autor a arrolar, entre as riquezas do Brasil, coisas que provavelmente não existiam aqui ainda, como o sândalo, originário da Índia. Na fase colonial e depois da Independência, há uma tendência marcada a colocar em destaque a Natureza, como se vê no texto, onde está representado o olhar europeu para o Novo Mundo, o deslumbramento.

1. folgar: alegrar-se

2. lume: luz (orientação, guia)



Exercícios

01. (UFSM) Sobre a literatura produzida no primeiro século da vida colonial brasileira, é correto afirmar que
- é formada principalmente de poemas narrativos e textos dramáticos que visavam à catequese.
 - inicia com Prosopopeia, de Bento Teixeira.
 - é constituída por documentos que informam acerca da terra brasileira e pela literatura jesuítica.
 - os textos que a constituem apresentam evidente preocupação artística e pedagógica.
 - descreve com fidelidade e sem idealizações a terra e o homem, ao relatar as condições encontradas no Novo Mundo.

02. (Enem/2013) De ponta a ponta, é tudo praia-palma, muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa. Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares [...]. Porém o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente.

Carta de Pero Vaz de Caminha.

A Carta de Pero Vaz de Caminha permite entender o projeto colonizador para a nova terra. Nesse trecho, o relato enfatiza o seguinte objetivo:

- Valorizar a catequese a ser realizada sobre os povos nativos.
 - Descrever a cultura local para enaltecer a prosperidade portuguesa.
 - Transmitir o conhecimento dos indígenas sobre o potencial econômico existente.
 - Realçar a pobreza dos habitantes nativos para demarcar a superioridade europeia.
 - Criticar o modo de vida dos povos autóctones para evidenciar a ausência de trabalho.
03. (UEPG – Adaptada) O trecho a seguir pertence ao capítulo nono do romance *Macunaíma*, intitulado “Cartas pras Icamiabas”. Assinale a alternativa desautorizada.

“Senhoras:

Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva. Cumpre-nos, entretanto, iniciar essas linhas de saudade e muito amor, com desagradável nova. É bem verdade que na boa cidade de São Paulo – a maior do universo, no dizer de seus prolixos habitantes – não somos conhecidas por “icamiabas”, voz espúria, sinão que pelo apelativo de Amazonas; e de vós, afirma, cavalgades ginetes, ginetes beligeros da Hélade clássica; e assim sois chamadas. Muito nos pesou a nós, Imperador vosso, tais díslates da erudição, porém heis de convir conosco que, assim ficiais mais heroicas e mais conspícuas, tocadas por essa pátina respeitável da tradição e da pureza antiga.”

- O texto constitui uma paródia à Carta de Pero Vaz de Caminha. Esta apresenta uma visão ufanista da terra, enquanto no texto de Mário encontra-se um tom irônico de revisão do mito da boa terra, de crítica acerba aos portugueses.
- Na carta há a tentativa de Macunaíma em expressar uma linguagem culta, que para o autor assume, na obra, a finalidade de carnavalização da norma clássica, ou seja, uma sátira da linguagem retórica.

- O autor inverte, aqui, os relatos dos cronistas quinhentistas, como Pero Vaz de Caminha, Gabriel Soares de Souza e Pero de Magalhães Gandavo. Agora é o índio que descreve a terra desconhecida e seus habitantes para seus pares distantes.
- A paródia, presente na obra de Mário de Andrade, é uma das características do Modernismo, que visava combater o academicismo, o conservadorismo na arte, a cultura reacionária burguesa e patriarcal da produção nacional.
- Mário de Andrade prende-se à crítica de costumes, ao criar heroínas idealizadas e mitificar a figura da mulher numa sociedade urbana em transformação.

- (Mackenzie/2005) Textos para as questões 04 e 05.

Texto I

Eis os versos que outrora, ó Maria Santíssima,
te prometi em voto
vendo-me cercado de feroz inimigo.
Enquanto entre os Tamoios conjurados,
pobre refém, tratava as suspiradas pazes,
tua graça me acolheu
em teu materno manto
e teu poder me protegeu intactos corpo e alma.

José de Anchieta

Texto II

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,
Cobrai-a; e não queirais, pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

Gregório de Matos

04. (Mackenzie/2005) Os versos do texto I
- revelam a intenção pedagógica e moral de Anchieta, ao tratar do seu desejo de conversão dos indígenas à religião católica.
 - documentam o cronista religioso debruçado sobre a terra e o nativo, desejando informar sobre a natureza e o homem brasileiro.
 - são um legado da era colonial brasileira, em que se exprime a religiosidade do nativo da terra recém-descoberta.
 - tematizam a paisagem social primitiva da colônia e demonstram a visão pragmática do jesuíta colonizador, preocupado em “dilatara fé e o império”.
 - expressam o sentimento religioso do apóstolo e deixam entrever uma específica experiência sua na paisagem americana.
05. (Mackenzie/2005) Considerando os textos I e II, assinale a alternativa correta.
- Em I e II, o eu lírico dirige-se ao ser divino: em I, para suplicar-lhe conforto; em II, para pedir perdão pelos pecados.
 - Nota-se distinta atitude do eu lírico: em I, o poema é considerado uma oferenda por graça já alcançada; em II, o poema constitui declaração de culpa.
 - A temática religiosa está presente nos dois poemas, mas tratada diferentemente: em I, a divindade é reverenciada (ó Mãe Santíssima); em II, é incriminada (Cobrai-a; e não queirais).
 - Manifestações artísticas de períodos culturais diferentes, os poemas deixam transparecer especificidades: I retrata a visão idílica do homem da terra; II, a visão dual do ser humano.
 - I e II são manifestações exemplares de espíritos de inclinação didática e ética, empenhados na divulgação dos ideais da ilustração.

06. (Cesmazon) O culto à natureza, característica da literatura brasileira, tem sua origem nos textos da literatura de informação. Assinale o fragmento da *Carta de Caminha* que já revela a mencionada característica.
- A) “Viu um deles umas contas de rosário, brancas; acenou que lhes dessem, folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço.”
- B) “Assim, quando o batel chegou à foz do rio, estavam ali dezoito ou vinte homens pardos todos nus sem nenhuma roupa que lhes cobrisse suas vergonhas.”
- C) “Mas a terra em si é muito boa de ares, tão frios e temperados como os de Entre-Douro e Minho, porque, neste tempo de agora, assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas e indefinidas. De tal maneira é graciosa e querendo aproveitá-las, dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem.”
- D) “Porém o melhor fruto, que dela se pode tirar, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.”
- E) “Mostrara-lhes um papagaio pardo que o Capitão traz consigo, tornaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como quem diz que os estavam ali.”

- Texto para a questão 07.

A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

Num dos trechos de sua carta a D. Manuel, Pero Vaz de Caminha descreve como foi o contato entre os portugueses e os tupiniquins, que aconteceu em 24 de abril de 1500:

“O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, aos pés de uma alcatifa por estrado; e bem vestido, com um colar de ouro, muito grande, ao pescoço (...) Acenderam-se tochas. E eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de falar ao Capitão; nem a ninguém. Todavia um deles fitou o colar do Capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra, e depois para o colar, como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra. E também olhou para um castiçal de prata, e assim mesmo acenava para a terra, e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata! (...) Viu um deles umas contas de rosário, brancas; fez sinal que lhas dessem, folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço, e depois tirou-as e meteu-as em volta do braço, e acenava para a terra e novamente para as contas e para o colar do Capitão, como se davam ouro por aquilo. Isto tomávamos nós nesse sentido, por assim o desejarmos! Mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não queríamos nós entender, por que não lho havíamos de dar! E depois tornou as contas a quem lhas dera. E então estiraram-se de costas na alcatifa, a dormir sem procurarem maneiras de esconder suas vergonhas, as quais não eram fanadas; e as cabeleiras delas estavam raspadas e feitas. O Capitão mandou pôr por baixo de cada um seu coxim; e o da cabeleira esforçava-se por não a estragar. E deitaram um manto por cima deles; e, consentindo, aconchegaram-se e adormeceram”.

Carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal

VOCABULÁRIO:

Alcatifa: tapete, carpete.

Fanadas: murchas.

Coxim: almofada que serve de assento.

07. De acordo com o texto, é correto afirmar que
- A) Pero Vaz de Caminha, escriba da armada portuguesa, escreve para o Rei de Portugal, D. Manuel, relatando o inamistoso contato entre portugueses e tupiniquins.
- B) o modo de proceder dos tupiniquins em relação aos portugueses ignora hierarquia ou fórmulas de gentileza.
- C) a principal preocupação dos nativos era manter os bens naturais fora do alcance dos portugueses.
- D) nada, na embarcação portuguesa, pareceu despertar o interesse dos tupiniquins.
- E) os tupiniquins, bastante comunicativos, falaram aos marinheiros das muitas riquezas na terra descoberta.
08. Consiste o hipérbato na inversão da ordem direta dos termos da oração. Assinale a alternativa em que Pero Vaz de Caminha faz uso dessa figura de linguagem.
- A) Todavia um deles fitou o colar do Capitão.
- B) E então estiraram-se de costas na alcatifa
- C) E depois tornou as contas a quem lhas dera.
- D) O Capitão mandou pôr por baixo de cada um seu coxim.
- E) Viu um deles umas contas de rosário, brancas.
09. A respeito da pintura a seguir, assinale a alternativa correta.



MEIRELLES, Victor (1832-1903). *A Primeira Missa no Brasil*, (1860). Óleo sobre tela, 268 x 356 cm.

- A) Trata-se do quadro *A Primeira Missa no Brasil*, pintado por Pedro Peres, na primeira metade da década de 1860, no qual, através da representação da primeira missa celebrada por Frei Henrique de Coimbra em Porto Seguro, o autor tem, exclusivamente, a intenção de retratar o impacto negativo que a chegada dos portugueses provocou na vida dos indígenas.
- B) Trata-se do quadro *Elevação da Cruz em Porto Seguro*, pintado por Victor Meirelles na primeira metade da década de 1860, no qual o autor procurava retratar o momento inaugural de uma nação que, em razão da imposição do catolicismo, teria seu futuro marcado pela desarmonia entre os indígenas e os colonizadores europeus.
- C) Trata-se do quadro *A Primeira Missa no Brasil*, pintado por Pero de Magalhães Gândavo em 1576, no qual, através da imagem pictórica, o autor reiterava as impressões do escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral, Pero Vaz de Caminha, a respeito do comportamento dócil dos índios no momento da celebração da missa, sugerindo-se a predisposição deles à ação catequética, ou a conversão à fé católica.
- D) Trata-se do quadro *A Primeira Missa no Brasil*, pintado por Victor Meirelles na primeira metade da década de 1860, no qual o autor procurou, entre outros elementos, retratar a animosidade entre portugueses e indígenas logo no primeiro contato entre eles.
- E) Parte integrante da *Carta* de Pero Vaz de Caminha, o relato da primeira missa celebrada no Brasil, cuja cena, recuperada no século XIX por Victor Meirelles no quadro anterior, simboliza o momento inaugural da nação unida pela religião católica e pela mistura de raças.

- (UFPEL) O texto a seguir servirá de base para a próxima questão.

**PERO VAZ DE CAMINHA,
REFERINDO-SE AOS INDÍGENAS, ESCREVEU:**

“E naquilo sempre mais me convenço que são como aves ou animais montesinhos, aos quais faz o ar melhor pena e melhor cabelo que aos mansos, porque os seus corpos são tão limpos, tão gordos e formosos, a não mais poder.” [...]

“Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. E, portanto, se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e eles a nossa, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade. E imprimir-se-á facilmente neles todo e qualquer cunho que lhes quiserem dar, uma vez que Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a homens bons. E o fato de Ele nos haver até aqui trazido, creio que não o foi sem causa. E portanto, Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar à santa fé católica, deve cuidar da salvação deles. E aprazerá Deus que com pouco trabalho seja assim.” [...]

“Eles não lavram nem criam. Não há aqui boi ou vaca, cabra, ovelha ou galinha, ou qualquer outro animal que esteja acostumado ao convívio com o homem. E não comem senão deste inhame, de que aqui há muito, e dessas sementes e frutos que a terra e as árvores de si deitam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos.”

CASTRO, Sílvio. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 1996.

10. (UFPEL) De acordo com o texto e seus conhecimentos, marque a alternativa correta.
- Caminha, numa visão eurocentrista, exalta a cultura do “descobridor”, menosprezando todos os aspectos referentes ao modo de vida dos nativos, por exemplo, a não exploração daqueles mamíferos placentários exóticos, citados na carta, introduzidos no Brasil quando da colonização.
 - Caminha realiza, através de farta adjetivação, descrições botânicas minuciosas acerca da flora da nova terra, destacando o tipo de alimentação do europeu — rica em vitaminas e sais minerais — em contraposição à indígena, que é rica em lipídios.
 - A religiosidade está presente ao longo do texto, quando se constata que o emissor, tendo em mente a conversão dos índios à “santa fé católica” — pretensão dos europeus conquistadores —, ressalta positivamente a existência de crenças animistas entre os nativos.
 - Na carta de Pero Vaz de Caminha, que apresenta linguagem formal, por ser o rei português o destinatário, há forte preocupação com aspectos da necessária conversão dos índios ao catolicismo, no contexto de crise religiosa na Europa.
 - Ao realizar concomitantemente a narração e a descrição dos hábitos dos nativos, o remetente destaca informações não só do *habitat* como dos usos e costumes indígenas, exaltando o cultivo das plantas de lavouras e dos pomares.

11. (Ufla) O sentimento ufanista relacionado à fertilidade do solo brasileiro, presente na Carta de Caminha, difere do entusiasmo em relação aos resultados atuais da agricultura, porque um e outro se baseiam em

Século XVI

- engrandecimento
- imaginação
- exaltação
- idealização
- romantismo

Século XXI

- otimismo
- audácia
- convicção
- precisão
- expectativa

12. (Unimep)

“Esta virtude estrangeira me irrita sobremaneira. Quem a teria trazido com seus hábitos polidos estragando a terra inteira? Quem é forte como eu? Como eu, conceituado? Sou diabo bem assado, Boa medida é beber cauímos até vomitar. Que bom costume é bailar! Adornar-se, andar pintado, tingir penas, empenado fumar e curandeirar andar de negro pintado”.

“Auto de São Lourenço”, de Jose de Anchieta

Nestes versos aparecem características da produção poética de José de Anchieta, exceto:

- versos curtos de tradição popular.
- preocupação catequética.
- linguagem direta.
- tensão e elaboração artística renascentista.
- conflito entre o bem e o mal.

13. (Mackenzie/2006) José de Anchieta faz parte de um período da história cultural brasileira (século XVI) em que se destacaram manifestações específicas: a chamada “literatura informativa” e a “literatura jesuítica”. Assinale a alternativa que apresenta um excerto característico desse período.

- Fazer pouco fruto a palavra de Deus no mundo pode proceder de um de três princípios: ou da parte do pregador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deus.

Pe. Antônio Vieira

- Triste Bahia! ó quão dessemelhante / Estás e estou do nosso antigo estado. / Pobre te vejo a ti, tu a mim empenhado, / Rica te vi eu já, tu a mim abundante.

Gregório de Matos

- Uma planta se dá também nesta Província, que foi da ilha de São Tomé, com a fruta da qual se ajudam muitas pessoas a sustentar a terra. (...) A fruta dela se chama banana.

Pero de Magalhães Gândavo.

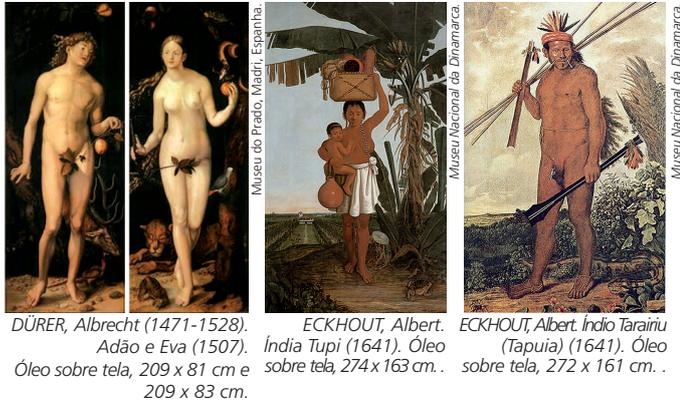
- Vós haveis de fugir ao som de padre-nossos, / Frutos da carne infiel, seios, pernas e braços, / E vós, múmias de cal, dança macabra de ossos!

Alphonsus de Guimaraens.

- Os ritos semibárbaros dos Paigas, / Cultores de Tupã e a terra virgem / Donde como dum trono enfim se abriram / DaCruz de Cristo os piedosos braços.

Gonçalves Dias.

14. (UFPE/2011 – Adaptada) A relação do Homem com a Natureza sempre foi um tema presente na literatura universal, desde os seus primórdios. Leia os textos abaixo e considere a questão, assinalando a opção inaceitável.



Criou, pois, Deus o homem à sua imagem; homem e mulher os criou. E ambos estavam nus, o homem e sua mulher; e não se envergonhavam. Então Deus os abençoou e lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos; enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre todos os animais. Disse-lhes mais: eis que vos tenho dado todas as ervas que produzem semente, bem como todas as árvores em que há fruto que dê semente; ser-vos-ão para mantimento. E assim foi. ... Mas chamou o Senhor Deus ao homem, e perguntou-lhe: Onde estás? Respondeu-lhe o homem: Ouvi a tua voz no jardim e tive medo, porque estava nu; e escondi-me. Deus perguntou-lhe mais: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses? Ao que respondeu o homem: A mulher que me deste por companheira deu-me da árvore, e eu comi. E ao homem disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei dizendo: Não comerás dela; maldita é a terra por tua causa; em fadiga comerás dela todos os dias da tua vida. Ela te produzirá espinhos e abrolhos; e comerás das ervas do campo. Do suor do teu rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, porque dela foste tomado; porquanto és pó, e ao pó tornarás. O Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden para lavrar a terra, de que fora tomado.

Livro do Gênesis.

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Os homens trazem os braços de baixo furados e metidos neles ossos brancos e verdadeiros. Os cabelos seus são corredios. Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm nem entendem nenhuma crença. ... Eles não lavram, nem criam. Não há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha. Não comem senão desse inhame, que aqui há muito, e dessa semente e frutos, que a terra e as árvores de si lançam. E com isto andam tais e tão rijos que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes e carne comemos. ... Esta terra, Senhor, é de muitos bons ares. Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo.

Carta de Pero Vaz de Caminha.

- A) A descrição que os portugueses fazem do Novo Mundo aproxima-se da descrição do paraíso na Bíblia, quando Adão e Eva, como os índios na floresta tropical, viviam em inocência, paz e harmonia no jardim do Éden.
- B) O trecho bíblico revela por que a ideia do domínio antropocêntrico da natureza, profundamente ligada à cultura judaico-cristã, parece tão familiar ao imaginário ocidental.
- C) A Carta de Caminha mostra a sua preocupação em informar ao Rei as condições de cultivo e criação na terra descoberta, bem como a natureza dos nativos aqui encontrados, que ele considerava tão passíveis de serem doutrinados quanto a floresta circundante de ser explorada.
- D) De acordo com o relato bíblico, a expulsão do casal do paraíso assinala o início de uma nova etapa de bem-aventurança para os seres humanos, que assumiriam o controle de suas próprias vidas e poriam a seu serviço, com grande facilidade, os recursos selvagens da natureza.
- E) A escassez de recursos naturais como minérios e especiarias em alguns países da Europa renascentista, como Portugal, contribuiu para incentivar as grandes navegações, que incluíram a descoberta do continente americano.

15. A respeito das primeiras manifestações literárias no Brasil, não é correto afirmar.

- A) José de Anchieta escreveu um manual prático, intitulado *Diálogo sobre a conversão do gentio*, com evidentes intenções pedagógicas, nele expondo sobre a melhor forma de lidar com os indígenas.
- B) Em sua *Carta*, Pero Vaz de Caminha descreveu a paisagem do litoral brasileiro e o aspecto físico dos índios, admirando-se da ausência de preconceito que eles demonstravam em relação ao próprio corpo e à nudez.
- C) Pero de Magalhães Gândavo, demonstrando total incompreensão, julgou os índios de forma irônica, dizendo que, por não possuírem em sua língua as letras **F**, **L** e **R**, não podiam ter nem Fé, nem Lei, nem Rei.
- D) Os textos dos viajantes, no primeiro século de vida do Brasil, foram escritos com o objetivo de informar a Coroa Portuguesa sobre as potencialidades econômicas da nova terra.
- E) A *Carta* de Pero Vaz de Caminha é um documento fundado numa visão mercantilista (a conquista de bens materiais) e no espírito religioso (dilação da fé cristã e a conquista de novas almas para a cristandade).

Gabarito

01	02	03	04	05
C	A	E	E	B
06	07	08	09	10
C	B	E	E	D
11	12	13	14	15
D	D	C	D	A